

Você pode pensar que o principal objetivo de um grupo de ativistas queer palestin@s, como nós da Al-Qaws, seja a tarefa aparentemente interminável de desmantelamento da hierarquia sexual e de gênero na sociedade.

Assim é. Mas você também pode pensar o contrário, a julgar pelas perguntas que nos fazem insistentemente em palestras e eventos, ou nas consultas que nos fazem os meios de comunicação e outras organizações internacionais. Queremos acabar com isso de uma vez por todas. Educar as pessoas sobre o seu próprio privilégio não é nossa tarefa. Mas, antes de anunciar a aposentadoria formal de tal tarefa, listamos abaixo as oito perguntas mais frequentes que nos são feitas e as respondemos de maneira definitiva.

1. Israel não oferece aos palestinos queer um lugar seguro e protegido?

Claro que sim: o muro do apartheid tem várias portas cor de rosa iluminadas, que estão sempre abertas para aquel@s que fizerem uma pose fabulosa. Na verdade, Israel construiu o muro para manter homofóbic@s palestin@s do lado de fora e assim proteger pessoas queer que ali buscam refúgio.

Agora, falando sério: "Israel" cria refugiados; Israel não dá abrigo a refugiados. Nunca houve um caso de um@ palestin@ - um descendente de uma família ou de famílias que foram deslocadas à força, às vezes massacradas, muitas vezes jogado na cadeia sem acusação – que tenha conseguido transcender magicamente o legado vivo dessa história encontrando asilo em “Israel”, o estado que cometeu essas atrocidades.

Se algumas pessoas conseguem cruzar o muro e chegam a Tel Aviv, elas são considerados "ilegais". Terminam trabalhando e vivendo em condições horríveis e sempre tentando evitar a prisão.

2. Não é verdade que todos os palestinos são homofóbicos?

Será que todos os americanos são homofóbicos? Claro que não. Infelizmente, representações ocidentais sobre palestin@s, especialmente acerca de lésbicas, gays, pessoas trans ou queer, tendem a ignorar a diversidade que existe na sociedade palestina. A população palestina está vivendo sob ocupação militar há décadas. A ocupação amplifica as diversas formas de opressão que estão presentes em todas as sociedades. No entanto, a homofobia não é o caminho que usamos para contextualizar a nossa luta. Essa é uma noção utilizada por um tipo específico de ativismo do norte global. Como destacar a homofobia no marco de um sistema de opressão complexo (patriarcal) que oprime tanto as mulheres como as pessoas cujo gênero não estão em conformidade com a norma dominante?

3. Como vocês lidam com o seu principal inimigo que é o Islã?

Ah, temos um inimigo principal? Se tivéssemos que destacar um inimigo principal seria a ocupação e não a religião, seja o islamismo ou outra tradição religiosa.

As formas mais dogmáticas de religião atualmente desfrutam um ressurgimento global, incluindo muitas sociedades ocidentais. Nós não vemos a religião como o nosso principal e mais excepcional desafio. Mas, sempre que o sentimento religioso cresce, independente da religião, quase sempre cria obstáculos para aqueles que lutam pela igualdade entre gêneros e pela diversidade sexual.

O nacionalismo palestino tem uma longa história de respeito pela laicidade. Isto fornece um conjunto de valores culturais que são muito úteis na defesa de palestin@s LGBTQ. Além disso, a religião é muitas vezes uma parte importante da identidade das pessoas palestin@s LGBTQ. Respeitamos todas as identidades das nossas comunidades e buscamos abrir espaço para a diversidade.

4. Há palestin@s fora do armário?

Estou contente por você ter feito essa pergunta. Temos excelentes carpinteiros gays que constroem incríveis armários para as pessoas queer com todos os confortos ocidentais com os quais você pode sonhar. Se você entrar, nunca vai querer sair.

De novo lembramos que a noção de sair do armário - ou seja a política da visibilidade - é uma

estratégia que tem sido adotada por alguns ativistas LGBTQ no norte global, devido a circunstâncias específicas. Impor essa estratégia no resto do mundo, sem a menor compreensão dos contextos locais, é um projeto colonial.

Que tal perguntar quais são as estratégias de mudança social que se aplicam ao nosso contexto? Ou se a noção de sair do armário ainda faz sentido...

5. Porque não há israelenses na Al-Qaws?

O colonialismo não pode ser definido em termos de pessoas más que fazem maldades com outras pessoas (israelense ruins não roubam o dinheiro do almoço dos palestinos). Ser muito "bom" não dissolve magicamente sistemas de opressão.

Nossa organização trabalha dentro da sociedade palestina, através das fronteiras impostas pela ocupação. Os desafios que os LGBTQ israelenses enfrentam em nada se parecem com os enfrentados pelos palestinos.

Estamos falando de duas sociedades diferentes, com diferentes culturas e histórias; o fato de que eles estão atualmente ocupando nossa terra não nos faz uma única sociedade.

Além disso, ser queer não elimina a dinâmica de poder entre o colonizado e colonizador, apesar da melhor das intenções.

Resistimos ao sentimento de "família universal, gay, rosa e feliz". A ideia de organização palestina única é essencial para a descolonização e para a melhora da sociedade palestina.

6. Eu vi filmes sobre gays palestinos (Invisible Men / Bubble / Out in the dark) e eu sinto que eu aprendi muito sobre a sua luta.

Você se refere a filmes feitos por cineastas israelenses ou judeus privilegiados retratando israelenses brancos como salvadores e palestinos como vítimas que precisam ser salvas?

Esses filmes apagam a voz e a agência de palestin@s queer, retratando-os como vítimas que precisam ser salvas de sua própria sociedade.

Além disso, esses filmes baseiam-se em tropos racistas de homens árabes como voláteis e perigosos. Esses filmes são simplesmente propaganda pinkwashing, financiada pelo governo de Israel, com uma comovente história de amor entre oprimido e opressor.

Se você quiser saber mais sobre a realidade da nossa comunidade e sobre nossa luta, tente ouvir o que @s palestin@s têm a dizer, nos sites da Al-Qaws ou do Palestinian Queers for BDS.

7. Lutar pelos direitos dos homossexuais não é uma questão mais premente do que o pinkwashing?

Os grupos LGBTQ mainstream do Norte querem nos fazer acreditar que as pessoas queers vivem num mundo separado, apenas ligados a suas sociedades como vítimas de homofobia.

Mas a libertação queer não é possível enquanto apartheid, patriarcado, capitalismo e outras opressões existirem. É importante apontar e criticar as conexões entre essas forças opressoras.

Além disso, pinkwashing é uma estratégia usada pela campanha da "Marca Israel" para angariar o apoio das pessoas queers em outras partes do mundo. É simplesmente uma tentativa de fazer o projeto sionista mais atraente para pessoas queers.

Essa é ideia repetida de uma fantasia colonial familiar e tóxica - que o colonizador pode fornecer algo importante e necessário que o colonizado não pode fornecer por si.

Pinkwashing apaga nossas vozes, história e agência, dizendo ao mundo que Israel sabe o que é melhor

para nós. Ao criticar o pinkwashing, estamos recuperando nossa agência, história, vozes e corpos, dizendo ao mundo o que queremos e como nos apoiar.

8. Por que você usa termos do "Ocidente" como LGBTQ ou queer para descrever a sua luta? Como você responde a essa crítica?

Embora ocasionalmente sejamos marcados como coniventes com Israel, ingênuos e ocidentalizados (por aqueles baseados no Ocidente), os nossos ativistas trazem décadas de experiência e análises dos contextos locais do imperialismo cultural e do orientalismo.

Isso tem proporcionado a matéria-prima para muitos acadêmicos itinerantes. No entanto, o trabalho das pessoas na “Torre de Marfim” é raramente, ou nunca, responsável perante aqueles que trabalham no campo. Tampouco reconhecem o poder (derivado da mesma economia colonial) dos ativistas.

Somos responsáveis perante as comunidades locais e os valores desenvolvidos ao longo de anos de organização.

A linguagem é uma estratégia, mas não encobre a totalidade de quem somos e do que fazemos. As palavras que ganharam valor global - LGBTQ - são usadas com muita cautela em nossos movimentos de base. Porque essas palavras surgiram a partir de um determinado contexto e momento político não significa que elas carregam esse mesmo conteúdo político quando deslocadas para o nosso contexto.

A linguagem que usamos é sempre revisitada e ampliada através do nosso trabalho. A linguagem catalisa discussões e empurra-nos a pensar mais criticamente, mas nenhuma palavra, seja em inglês ou árabe, pode fazer o trabalho. Apenas o movimento pode.

Ghaith Hilal é um ativista palestino queer da Cisjordânia que tem sido parte da liderança Al-Qaws desde 2007.